

## DISCURSO DE POSSE DA PROFESSORA DRA. DILERCY ARAGÃO ADLER NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO

Senhora Presidente, Professora Eneida Vieira da Silva Ostria de Canedo, Senhores Membros do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Senhoras e Senhores.

Inicialmente quero externar o quanto me sinto honrada em ter o meu nome aprovado para integrar o quadro de sócios deste importante Silogeu, que se configura como um baluarte da intelectualidade maranhense.

Por outro lado, a gratidão é um nobre sentimento que deve ser fortalecido na convivência humana. Desse modo, faz-se necessário iniciar a minha fala com um sincero agradecimento àqueles que estão partilhando deste momento ímpar da minha vida, e ainda se faz necessário um agradecimento especial aos responsáveis diretos pela concretização deste meu rito de iniciação neste sodalício, ou seja, àqueles que indicaram e aprovaram o meu nome. Assim, quero publicamente, neste instante, agradecer à Presidente desta Casa, Professora Eneida Vieira da Silva Ostria de Canedo, ao Dr. Edomir Martins de Oliveira, atual 1º Secretário e Ex – Presidente, e ao Dr. Raul Eduardo de Canedo Vieira da Silva, 2º Secretário, que mui gentilmente indicaram o meu nome. Ainda, ao Dr. Raimundo Cardoso Nogueira, 1º Tesoureiro e ao Dr. Kalil Mohana que procederam a análise do meu currículo. Enfim, a todos os sócios efetivos que, em Assembléia, aprovaram a minha indicação.

Ao ocupar a Cadeira de nº 1, não posso deixar de fazer referência e prestar as devidas e merecidas homenagens aos meus antecessores. Antes, porém, de me referir a cada um deles, individualmente, gostaria de compartilhar com os senhores e senhoras que considere instigante o fato de que o Patrono desta Cadeira e seus dois sucessores têm entre si algumas características em comum, as quais contrastam com as correspondentes em mim. Ou seja, os três são do sexo masculino, religiosos católicos: Padre, Cônego e Monsenhor e estrangeiros; dois franceses e um húngaro. Enquanto eu, mulher, não católica e brasileira. Acredito que essas condições aumentam a minha responsabilidade em corresponder à honra agora a mim concedida, principalmente como primeira mulher a ocupar esta Cadeira.

No tocante à questão de gênero, sabe-se que o espaço da mulher na nossa sociedade é, ao longo da história, ambivalentemente insólito e lírico, o que me causa intensa inquietação retratada em uma poesia de minha autoria:

### ESPAÇO FEMININO

Espaço mulher  
mulher no espaço  
espaçonave  
espaço cósmico  
cômico espaço...  
inusitado  
das normas  
do corpo  
do sexo  
do leite materno  
que eterno  
sangra do peito  
a jorrar  
boca a dentro do homem!

Quanto à religiosidade, tive uma iniciação Evangélica, e a “Oração” que fiz, quando adolescente, demonstra o desejo pessoal de intimidade e aproximação com Deus desde cedo:

### ORAÇÃO

Senhor  
 ilumina-me  
 nas horas de incerteza...  
 dá-me forças  
 nas horas de fraqueza...  
 afasta-me do mal  
 quando este me quiser dominar...  
 aproxima-me do bem  
 para dele me utilizar...  
 faz com que me dispa  
 do egoísmo  
 vestindo-me com a armadura  
 do altruísmo  
 enche-me a alma de pureza...  
 afasta de mim  
 a cobiça ... a avareza  
 dá-me grandes ideais  
 e forças para elevá-los  
 sempre mais  
 dá-me um coração puro...  
 cheio de amor  
 que irradie segurança  
 e calor  
 e através deste meu amor  
 propague esse Teu imenso e infindo amor!

Os primeiros ensinamentos religiosos me foram transmitidos por minha amada e saudosa mãe, Joana Aragão Adler. Mas apesar de, na fase adulta, não professar a fé dos meus primeiros anos, tenho a clareza de que o que a minha mãe me ensinou não foi em vão, e a minha poesia “Deus” retrata a sinceridade e (in)certeza que toda essa polêmica espiritual provoca em mim e provavelmente em outras pessoas que vivem ou viveram conflitos similares.

### DEUS

A dor me aproxima de Deus  
 mesmo que Ele não exista

na minha pequenez e fragilidade  
 preciso de uma força externa  
 na minha incontestante efemeridade  
 necessito de algo eterno  
 para minha inspiração contraditória  
 quero algo consistente...

a minha consciência  
o meu cientificismo O nega  
mas o meu íntimo O deseja

necessito que Ele exista  
preciso d'Ele!

Ainda no que diz respeito às minhas origens, sou filha de uma região excentricamente bucólica. O início da minha história dá-se numa ilha... “A Ilha Grande”, encravada entre os campos da Baixada Maranhense, que possuem uma beleza singular.

Aves e peixes povoam os campos enfeitados de mururus, aguapés, vitórias-régias, pajés, junco, algodão bravo e outras vegetações exóticas, próprias desses campos.

Para o tráfego nessas águas é necessário que sejam abertos caminhos entre as plantas e, como resultado, surgem verdadeiras estradas de águas limpas entre a vegetação espessa, por onde podem deslizar canoas empurradas com longas varas, já que a profundidade da água, em média, é de 80 centímetros, não ultrapassando dois metros.

No verão, esses campos secam e o meio de transporte passa a ser o cavalo. A paisagem fica, então, entrecortada de regiões secas, com o solo rachado pelo sol causticante do verão, e de outras verdejantes com frondosas árvores e capim onde alguns bois ficam soltos para pastar.

Nessa Ilha vivia uma família cujo patriarca chamava-se Raimundo Aranha Aragão, sua esposa Maria da Anunciação Cutrim Aragão, chamada carinhosamente de Maroca e seus oito filhos, entre eles, Joana.

Ele, proprietário de várias glebas de terra, homem forte, alto, louro de olhos azuis e de forte liderança. Era chamado de “Seu Nhozinho”. Trabalhava com a terra, com o gado e tinha uma oficina de artesanato de couro, onde fazia sapatos, chinelos, tamancos e ainda selas e arreios que pareciam verdadeiras obras de arte.

Ela, D. Maroca, era uma mulher calma, doce, muito cordata e doméstica, uma fiel representante do modelo de comportamento feminino da época e do lugar.

Todos os filhos, homens e mulheres, trabalhavam em todas as tarefas indistintamente: roça, pesca, criação de gado e de outros animais.

Um trabalho vigoroso e digno de fita cinematográfica era a domagem de cavalos, que os homens desempenhavam com habilidade e destreza ímpar. Seu Nhozinho, hábil nessa tarefa, dava verdadeiros espetáculos de força e destreza no cenário da Ilha Grande.

Uma outra atividade marcadamente masculina era a ferra de animais de grande porte (gado, cavalo) que consistia em marcar os animais com um símbolo. Este, geralmente, era constituído pelas iniciais do proprietário, em letras góticas, artisticamente desenhadas e cravadas num ferro, que, em brasa, era colocado sobre as ancas dos animais para distingui-los dos demais.

Quando acontecia a “ferra do boi”, muita gente se deslocava até o lugar para assistir ao ritual “de domínio do homem sobre o animal de sua propriedade”, materializando o poder do proprietário sobre o seu objeto de posse e domínio.

Mais interessante ainda é que esse evento retratava uma verdadeira festa, embora não programado com esse fim.

Ainda na lida com os animais, um outro trabalho que deixa uma nostálgica recordação desses tempos já distantes era a transferência de animais para campos cujo pasto era mais propício para o gado. Com as cheias sazonais, os pastos também acompanhavam esse ir e vir das águas, criando a necessidade de levar as imensas boiadas, ao som dos gritos e canções dos boiadeiros, por intermináveis estradas abertas no meio das matas ou dos campos.

O pai de Joana, extremamente zeloso, não deixava suas filhas estudarem em escolas distantes. O que era acatado pela mãe. Mas, ao mesmo tempo se preocupava com a educação dos filhos. Tal impasse era resolvido com a contratação de professores que moravam em sua casa, uma espécie de preceptor que tomava para si a tarefa da educação escolarizada dos filhos do casal.

A primeira professora chamava-se D. Sinhazinha que, depois de um certo tempo, deixou o trabalho para casar-se. Em seu lugar foi contratado um rapaz de 24 anos, Francisco, filho de um casal amigo que morava na região, mais precisamente em Cajapió: Daniel Adler, polonês, naturalizado americano, e Marcelina Dias Adler, brasileira.

Joana, minha mãe, conheceu Francisco, meu pai, quando tinha 16 anos, em 25 de julho de 1941. Foi amor “à primeira vista”, intenso e arrebatador a ponto de, em seis meses, desenrolarem-se namoro, noivado e casamento.

Para alegria de Joana, a sua escolha teve a aprovação do pai, já que essa não era atitude muito comum no “velho Nhozinho”, que tinha proibido o namoro de duas de suas irmãs.

Mas, o jovem professor Francisco tinha contado com a sua aprovação, apesar de não ter posses na época. Critério este que era relevante também para o consentimento de um pai de posses.

O pai do noivo, Daniel Adler, tinha morrido quando aquele completara dez anos de idade. A mãe, Dona Marcelina, totalmente afeita às atividades domésticas, não soube lidar com os bens deixados pelo marido, ficando este encargo nas mãos de terceiros, o que levou à ruína do patrimônio deixado pelo pai.

O seu Nhozinho tinha mantido uma relação de amizade com seu Daniel e nutria alta consideração à memória do mesmo, extensiva à sua família. Assim, é provável que estes fatores tenham influenciado positivamente na sua aprovação.

O casamento foi celebrado depois de seis meses de namoro e noivado, no dia 28 de janeiro de 1942. Ela tinha completado 17 anos, em 1º de janeiro, e ele, 25 anos, em 27 de janeiro, do mesmo ano.

A oficialização da aliança entre os dois foi realizada na Comarca, São Vicente Férrer, a qual ficava distante do lugarejo, de modo que o ritual incluía uma viagem a cavalo

até o cartório. A noiva ia na “garupa” do pai, só vestia o vestido de noiva ao chegar à cidade e após a cerimônia voltava na “garupa” do noivo à frente do cortejo.

Daí, a família ampliou-se gradativamente, totalizando nove filhos, aos quais a D. Joana se referia carinhosamente como “meus nove anjos”. Dentre estes sou a quarta filha, ou o quarto anjo.

Quero declarar agora a minha admiração e respeito pelo Patrono desta Cadeira, o Padre Cláudio D’ Abbeville nascido em Abbeville, França na segunda metade do século XV. Capuchinho francês, veio ao Maranhão, integrando a expedição de La Ravardiére, em 1612, e por aqui ficou apenas quatro meses que, no entanto, renderam-lhe o equivalente a pródigos anos, e o fizeram interpretar, com uma argúcia singular, os primórdios da Geografia e Etnografia do Maranhão, através da sua obra, *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*, lançada em Paris em 1614 e traduzida no Brasil por Dr. Cezar Augusto Marques em 1874.

A narrativa de D’Abbeville inclui diálogos entre os personagens tanto em discurso indireto quanto direto. Abrange não só os episódios mais significativos da permanência dos franceses no Maranhão, a exemplo da edificação da cidade de São Luís, como também das interfaces do cotidiano dos índios tão bem explicitados nos capítulos “*De uma escrava de Japi-Açu encontrada em adultério*” ou na “*História de um certo personagem que dizia ter descido do céu*”. Apresenta também informações apaixonadas sobre o *clima e a fertilidade da terra*, assim como dados minuciosos sobre a rica *astronomia indígena*. Outro aspecto que sobressai nessa obra é a intenção de Claude D’Abbeville em demonstrar como o índio podia ser batizado e de como isso parecia ser uma condição natural para o salvamento da alma. Em dois episódios intitulados “*De um índio velho batizado em Coieup e de sua morte*” e “*De um menino curado milagrosamente pelo batismo*” isso fica evidente. Oswald de Andrade aproveitou alguns trechos do livro de Claude D’Abbeville para compor quatro poemas em seu “*Poesia Pau-Brasil*”, mantendo a escrita original em francês.

Um fato que chama a atenção é que La Ravardiére era protestante, e os capuchinhos que o acompanharam deram início à decantada catequese dos indígenas que alcançaria seu paroxismo com os Jesuítas.

Dizem os registros históricos que em 12 de agosto de 1612, tendo os franceses passado à Ilha Grande, foi rezada a primeira missa e erguida uma cruz. Em 8 de setembro do mesmo ano, solenemente, fundaram a colônia, a França Equinocial, com a colaboração “espontânea” dos índios, tendo à frente o cacique Japiaçu, e iniciaram a construção do forte, chamado de São Luís, em honra ao rei-menino.

A obra de d’Abbeville, como já foi referido, é um clássico da etnografia indígena. Ao analisá-la, o bibliófilo Rubens Borba de Moraes salientou que “a narrativa da viagem é a principal fonte francesa publicada sobre esta tentativa de colonização do Norte do Brasil e contém informações valiosíssimas acerca dos Tupis, não encontradas em nenhuma outra obra”. Segundo ainda Mário Guimarães Ferri, *nenhum outro cronista, em seu tempo e mesmo depois, tratou a matéria com tanta especificação e clareza*.

Muito antes de mim, Oswald de Andrade captou a poética na narrativa de Abbeville, de modo que reafirmo a existência da poesia no tom apaixonado imbricado à sua longa e exaustiva descrição e, para exemplificar, transcrevo pequenos trechos da sua magnífica obra “*História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas*

*circunvizinhanças*”, que em seu capítulo XXV, intitulado *Do clima do Brasil, particularmente na Ilha do Maranhão*, explicita:

[...] Mas, por mercê de Deus, observamos [...] na Ilha do Maranhão e terras adjacentes do Brasil, situadas precisamente sob a zona tórrida, a dois e meio graus mais ou menos do equador, para o lado do trópico de Capricórnio, onde, passando o sol duas vezes pelo seu zênite, seria de fato o calor insuportável não fôsse a incomensurável providência divina atenuar e temperar tal ardor por meios muitas vêzes maravilhosos. Se a temperatura, ou o clima, de uma região depende tão somente da pureza e da doçura do ar, julgo (o que há de parecer paradoxal a muitos) *que não existe lugar no mundo mais temperado e delicioso do que este*. (grifo nosso).

Em primeiro lugar não é possível desejar ar mais puro e sereno do que por aqui reina de costume. Os elementos são naturalmente somente em virtude de causas estranhas a eles.

[...] Na Europa, muitas vezes podemos observar estranhas impressões na atmosfera, presságios de incríveis tempestades; a terra enche-se de vapores infectos e de exalações pútridas que se espalham abundantemente pelo ar, o qual assim se altera e corrompe, o que dá causa a muitas espécies de meteoros, chegando então (como viram os físicos) a chover ratos, rãs, vermes, lã, sangue, leite e outras cousas apavorantes. Donde virão, pergunto, todos esses prodígios senão de enorme impureza da terra e do ar? O fato é que nada disso se vê no Brasil (D’ABBEVILLE, 1632, pp. 153-154).

Quando, ainda, no Capítulo XXVI, tratando *Da Fertilidade da Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas* relata:

Regada a terra de todos os lados por boas águas, *e maravilhosamente temperada pela doçura do ar*, não pode deixar de ser muito fértil, como é, e muito fecunda, apesar de não ter sido roteada nem ter tido descanso, nem amanho de qualquer espécie. Não há necessidade de juntar o gado para esquentá-la, pois está sempre temperada pelas influências dos céus. E nem, para cultivá-la, são necessários cavalos ou arreios, charruas ou relhos de arado para lavrá-la, tanto mais quanto esta terra não deve ser muito trabalhada. Cultivada pouco produz, e abandonada dá grande colheita. Não posso explicar esse paradoxo senão porque estando a terra lavrada entra nela o calor, aquece-a a ponto de queimar as sementes; mas não sendo cultivada conserva-se a umidade.

Esta razão parece-me verossímil, pois em verdade a terra é tão refrescada pelo sereno da noite e o orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas da estação, que sem sequer cavocá-la antes, que dentro em pouco se tira bom resultado (D’ABBEVILLE, 1632, p. 161. Grifo nosso).

O encantamento de D’Abbeville é indubitável e claramente traduzido na expressão *“da pureza e da doçura do ar”*, ou ainda na afirmação enfática: *“não existe lugar no mundo mais temperado e delicioso do que este”*, ou ainda ao declarar que *“não é possível desejar ar mais puro e sereno do que por aqui reina de costume”*. Também na passagem da Fertilidade da Ilha do Maranhão quando realça: *“Regada a terra de todos os lados por boas águas, e maravilhosamente temperada pela doçura do ar, não pode deixar de ser muito fértil”*. Adiante declara *“em verdade a terra é tão refrescada pelo sereno da noite e o orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas da estação”*.

O Padre D’ Abbeville, que recebeu o nome de Firminno Foullon, ao nascer, era oriundo de família muito religiosa, e também dois irmãos seus, Marçal e Cláudia, seguiram a vida religiosa em conventos distintos. Segundo registros, ao chegar à Ilha de Maranhão o Pe. D’Abbeville tinha por volta de 40 anos, tendo sido ordenado em 1593. Portanto, dezenove anos antes, o que indica vasta experiência sacerdotal à época. Faleceu na cidade de Ruão, em 1621.

O seu sucessor, na Cadeira de nº 1, Cônego José Maria Lemercier, sacerdote secular, nasceu em Arles, Diocese de Aix, em Provence, França em 17 de junho de 1877. Filho de Laurent Lemercier e Adele Giroux.

Foi batizado com quatro dias de nascido e crismado em 12 de março de 1888, logo aos oito meses de idade. Recebeu a sua primeira tonsura em 29 de junho de 1900, as ordens menores em 24 de junho de 1901, o subdiaconato, em 29 de junho de 1902, o diaconato, em 20 de dezembro do mesmo ano e, finalmente, o presbiterado em 29 de junho de 1903. Ficou 4 anos, de 1803 a 1807, como professor nomeado do Seminário Menor, época em que o Governo fechou os Seminários e os Colégios Católicos na França.

Em fevereiro de 1908, veio para o Brasil, diretamente para São Luís, integrando o Clero da Diocese do Maranhão, designado Secretário Particular do Exmo. Sr. D. Francisco de Paula e Silva, cargo que conservou até a morte de D. Francisco, a quem acompanhou até seus últimos momentos de vida, bem como nas últimas homenagens do cortejo fúnebre e no ato litúrgico. D. Francisco recebeu demonstração popular de carinho, admiração e respeito e segundo a História Eclesiástica do Maranhão: “Nunca em São Luís se registrou maior consternação. Todos sentiam e choravam como se tivessem perdido um ente querido de sua família”.

Enquanto Secretário Particular de D. Francisco, Lemercier o acompanhou em visitas pastorais incluindo longas viagens, tendo sido uma delas iniciada em 25 de junho de 1908, com retorno a São Luís depois de quatro meses e dias de viagem e labores num percurso de, aproximadamente, 2.500 quilômetros. Esta resultou em uma monografia “Uma excursão pela costa maranhense” escrita anos mais tarde. Embora o relato não tenha sido feito por Lemercier, resolvi incluir um pouco dele para testemunhar o desprendimento e dedicação à causa da Igreja ao se despojarem de qualquer possibilidade de conforto para se dedicarem a uma empreitada tão extenuante, com o objetivo único de propiciar aos seus rebanhos o calor das suas palavras e das suas presenças:

A estrada correu por alguns minutos na mata e, subindo insensivelmente, levou-nos em pouco tempo, à *chapada*. O capim *agreste*, que ia aparecendo, indicou-nos que estávamos em outro terreno. A vegetação muda por completo. Em vez de mata, com suas árvores esguias e a vegetação cerrada, são árvores baixas, esparsas, copa arredondada. É o cajueiro de galhos retorcidos, a faveira malhuda e a massaranduba. Um ou outro bacurizeiro, o pequizeiro, pondo uma nota verde naquela vastidão cinzenta e clara. É a chapada!

O sol, impiedoso, rutilára triunfalmente, causticando-nos durante dez horas de marcha por aqueles descampados, que pareciam intermináveis. Ninguém mais falava. Era a vastidão monótona, interminável, a parecer a mesma. Nem uma ave a cortar o azul límpido e sereno, a arquear-se lá em cima, muito alto; nem um animal, a pôr uma nota viva naquela paisagem. Só o resfolegar compassado dos cavalos, lavados em suor.

A sede, causada pelo sol abrasador, começava a torturar-nos. Os estômagos, só com uma chicara de café e uns côpos de leite, começavam a reclamar seus direitos. A sêla se tornára dura demais. Mas, a bagagem, onde vinha o nosso almoço, ficára muito atrás; e a água, por aquelas alturas, só se algum Moisés a viesse fazer jorrar de algum *capim*, que rochêdo ali não ha. E caminhávamos na mesma marcha, e a chapada parecia alongar-se à proporção que nos adiantávamos. (PACHÊCO, D. FELIPE CONDURÚ, 1968, pp. 510-511).

A vegetação, com as poucas notas verdes de um ou outro bacurizeiro, a vastidão cinzenta, o sol, que nesse quadro, impõe-se impiedoso, a morbidez da paisagem na descrição do autor, a falta de água e o sol abrasador causando sede, e ainda, a fome, o cansaço por um caminho sem fim... interminável!... demonstram a tenacidade e até mesmo uma certa teimosia desses valentes caminhantes, verdadeiros desbravadores.

Na sua trajetória eclesiástica, Lemercier prestou serviços em outras Dioceses do Brasil e retornou para São Luís em fins de 1936, onde continuou à frente da Cúria Diocesana.

Lemercier, além do trabalho sacerdotal, dedicou-se à educação regular lecionando, entre outros estabelecimentos de ensino, no Colégio Santa Tereza, das Irmãs Dorotéias, e no Liceu Maranhense.

Dedicou-se também ao estudo da história, especialmente da Igreja Católica Apostólica Romana no Maranhão. Elaborou o trabalho “Apontamentos históricos sobre a criação, administração, melhoramentos materiais da Sé, Catedral do Maranhão”, o qual foi publicado na Revista de Geografia e História - nº 1 – Ano II – nov. de 1948. Reorganizou o Arquivo da Cúria Arquidiocesana, publicou catálogo e estudos históricos da Diocese e prestou relevantes serviços à Secretaria do Arcebispado.

Foi eleito em 15 de outubro de 1946, Sócio Efetivo deste Instituto, e em 28 de setembro de 1948 apresentou elogio ao Patrono desta Cadeira, Claude D’Abbeville, tendo sido saudado pelo sócio efetivo Leopoldino Lisboa.

Vítima de arteriosclerose, faleceu no Seminário Santo Antônio, na manhã de 9 de dezembro de 1948, deixando indeléveis marcas na sua seara sacerdotal e educacional no Maranhão, reafirmando os vínculos ambivalentes entre a França e a nossa querida São Luís.

O sucessor do Cônego Lemercier, na Cadeira nº1, foi o Monsenhor Ladislau Papp, que nasceu em Gynla, na Hungria, em 10 de novembro de 1916. Filho de Carlos Papp e Rosa Frida Weisz. Graduado em Filosofia, pela Universidade de Budapeste - Hungria, chegou ao Brasil em 17 de março de 1936.

Sobre a vinda do Monsenhor Papp para o Brasil não se pode deixar de fazer referência a D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, 22º Bispo e 2º Arcebispo do Maranhão, que apresentava grande preocupação com a formação intelectual e moral do seu Clero e, nesse sentido, empreendia eficiente ação tanto no acompanhamento da formação dos futuros sacerdotes no seu Seminário, como ainda providenciava a vinda de outros novos padres para trabalharem na Arquidiocese. Além de trazer consigo dois dos seus primos, já teólogos, de Minas Gerais, trouxe da Hungria um jovem padre e três seminaristas, entre eles Ladislau Papp. Destes, apenas o Monsenhor Papp ficou definitivamente no Brasil, os outros dois depois de ordenados deixaram o Maranhão.

D. Carlos Carmelo ordenou durante o seu episcopado 13 sacerdotes, entre eles Pe. Ladislau Papp, a 08 de dezembro de 1939. Este trabalhou vários anos na Arquidiocese de São Luís, ocupando posteriormente o cargo de Reitor do Seminário de Caxias, sendo depois incardinado na Prelazia de Pinheiro e Vigário de Alcântara. Deixando a Prelazia de Pinheiro voltou a São Luís onde passou a exercer na Arquidiocese o cargo de Diretor da Associação de São José.



Além do Ministério Eclesiástico, Monsenhor Papp exerceu outras atividades. No governo de Matos Carvalho, por exemplo, foi nomeado Diretor do Serviço de Assistência aos Menores – SAM, cargo que continuou exercendo no governo de Newton Belo. Exerceu também, na esfera Estadual, a função de Capelão da Penitenciária do Estado, de 21 de abril de 1949 a 31 de dezembro de 1955.

Foi professor também em algumas Instituições de Ensino como o Instituto de Educação e desempenhou outros cargos (Oficial de Gabinete, Assessor Técnico de Ensino, entre outros) na Prefeitura Municipal de São Luís, totalizando quase nove anos de trabalho.

Em 19 de outubro de 1967, pela Portaria nº11/67, da Fundação Universidade do Maranhão – FUM, atual Universidade Federal do Maranhão, foi contratado como Auxiliar de Ensino de Cultura Religiosa. Posteriormente, nova portaria determinava que Monsenhor Papp continuasse respondendo pela cadeira de Cosmologia que já vinha sob sua responsabilidade desde 1965. Ainda na Universidade Federal, foi designado para responder por outras cadeiras como História da Filosofia (Filosofia Moderna) e Língua Latina.

Na carreira de Magistério da UFMA passou de Auxiliar de Ensino para Professor Assistente, a partir de 01 de maio de 1967, e a partir de 16 de setembro de 1969 foi enquadrado como professor Adjunto. Em 1970, pela Portaria de nº 60, foi designado Chefe do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia.

Como os demais clérigos ocupantes desta Cadeira, o Monsenhor Papp dedicou a sua vida ao ministério eclesiástico e como o Cônego Lemecier também destinou parte do seu tempo laboral à educação. Como estrangeiro, adaptou-se perfeitamente ao clima e ao estilo de vida da *Ilha do Maranhão*, tão bem decantados nas descrições poéticas de D’Abbeville e, com certeza, o seu devotamento peculiar o fixou à nossa terra não permitindo, que deixasse São Luís, a exemplo dos seus dois jovens companheiros de viagem da Hungria ao Brasil. Aqui permaneceu até a sua morte, em 19 de abril de 1989.

Isto posto, quero lembrar que iniciei o meu discurso apontando algumas diferenças entre mim e meus antecessores. Em contrapartida, quero finalizar, indicando semelhanças importantes entre nós:

Em primeiro lugar, somos todos pertencentes ao gênero humano, muito iguais na essência e com as peculiaridades também necessárias para a evolução da própria espécie.

Somos também quatro inquietos viajantes, com os olhares sempre atentos, sob a magia do amor que nasce do encantamento e que busca tornar mágico o objeto apreendido.

Somos também amantes desta Ilha, às vezes chamada de *Ilha do Maranhão*, outras vezes de *Ilha de São Luís*, de *Ilha do Amor* ou mesmo *Ilha dos Amores*, como a chamo em uma das minhas poesias.

#### ILHA DOS AMORES

São Luís ilha dos muitos mares  
também pudera  
é a “Ilha dos amores!”

amor e mar  
combinação perfeita

eternizada  
 quando a onda deita  
 meus dissabores sobre a areia branca!

são tantas praias  
 imensas insondáveis  
 desertas ou cheias de pés descalços  
 pequenos  
 frágeis  
 como os meus sonhos  
 que sempre se esvaem pela madrugada  
 ou morrem afogados pelas ondas!

No tocante à fé, tenho observado, há bastante tempo, no comportamento das pessoas, principalmente no âmbito do meu trabalho clínico, e também em outras circunstâncias do comportamento individual, que existe alguma outra dimensão além do orgânico e do psicológico. Alguns chamam de fé x ceticismo, pensamento positivo x pensamento negativo ou alegria, viço x amargura.

O certo é que cada pessoa apresenta uma forma singular de reagir aos estímulos, mesmo reconhecendo-se que essa singularidade apresenta uma conexidade com o seu coletivo. Com base nessa premissa, pode ser colocado que existem pessoas que apresentam uma reação de enfrentamento às situações dolorosas, buscando resolver da forma menos danosa possível, para si e para os demais que convivem com elas, tudo aquilo que se lhes apresenta de negativo. São pessoas que apresentam mais resistência à frustração em geral, à dor e à adversidade.

Em contrapartida, existem outras pessoas que frente a situações não desejáveis, aversivas, reagem com desespero, amargura e passividade, entregando-se, incondicionalmente, como retrata esta minha pequena poesia:

### MERGULHO

Aquela sensação de perda  
 já conhecida  
 bate outra vez

Não abro  
 Mergulho!

Defendo a idéia de que a maioria dos sofrimentos das pessoas é plenamente evitável. Em parte, isso é explicado pelas condições objetivas e subjetivas da realidade social em que se vive, a qual não apresenta elementos facilitadores para a felicidade, e, por essa razão, o comum é a pessoa sofrer além do necessário. Algumas pessoas conseguem superar esses condicionantes através da fé ou de outras saídas similares.

Talvez seja pertinente realçar as condições neurotizantes da sociedade em que se vive explicada pela contínua competitividade e intolerância que submetem cada pessoa num circuito de ansiedade para ser aceita, ser valorizada, ter sucesso, entre outros.

Segundo Ribeiro, a Neurociência contemporânea vem desconstruindo, por meio de estudos, a idéia de que a fé é uma superstição atávica, sem efeitos concretos na realidade. Experimentos recentes *indicam que a fé é um fenômeno biológico* (grifo nosso).

Convém ressaltar que não compreendo esses resultados como indicativo de que a fé seja um fenômeno biológico simplesmente, como parece afirmar Ribeiro, mas que tem, sim, repercussão direta no biológico, ou seja, uma inter-relação fortemente estabelecida entre a dimensão afetivo-emocional e a dimensão orgânica.

Por outro lado, convém lembrar que a fé se apresenta multifacetada e um dos seus aspectos fundamentais é o da entrega, confiança total, que em alguns casos chega à radicalidade negativa representada pela omissão, pela espera de respostas totalmente milagrosas, o que pode levar a pessoa a um conformismo e imobilismo, afetando negativamente a integridade do organismo, do ser e do seu coletivo, a exemplo de algumas religiões que proibem determinados procedimentos clínicos ou cirúrgicos. Mas até esses extremismos produzem resultados positivos na ciência, quando pesquisadores se empenham em buscar outras alternativas de intervenção, substituindo-os por outros aceitáveis.

Finalizo estas argumentações sobre a fé recorrendo às palavras de Droggett (2001, p.116):

A razão de Deus é uma necessidade que está no sonho, na linguagem, na vida. Quando deixamos de acreditar nestas instâncias, Deus desaparece. Destas imagens a fé recolhe ícones do ser mais perfeito –significante último–, construído em horizontes de esperança no qual seres humanos depositam seus desejos, suas utopias de um mundo melhor, mais justo, onde o presente é magia e milagre transformador da realidade alienante e sem sentido. Unem-se assim o amor, o desejo, o imaginário, o simbólico e os signos que o ser humano cria para fazer sentido. Realizações concretas dos objetos de desejo ou, como diria Hegel, *a objetivação do espírito*.

Portanto, reafirmo a importância de que as pessoas através dos seus sonhos, da sua linguagem, da sua vida, façam Deus presente numa sociedade mais equânime, mais amorosa, mais sadia e mais feliz. Um dos caminhos dessa possibilidade é o caminho da FÉ.

Fé na predominância da bondade, na contradição da condição humana...

Fé na concretização de mudanças positivas no mundo humano...

que, em última instância, é indício da mais necessária fé,

aquela inspirada em Deus

e dirigida a um Deus

de uma magnanimidade que extrapola a necessidade humana.

Com base nessas argumentações, espero ter justificado razoavelmente algumas das nossas semelhanças e diferenças, harmoniosamente colocadas no nosso modo de ser, homem ou mulher, clérigo ou leigo, estrangeiro ou nativo.

Faz-se pertinente lembrar, ainda, que qualquer trabalho humano é feito, de uma forma ou de outra, a muitas mãos. Até certo ponto isso é um privilégio porque evita a solidão da produção. Assim, quero dizer aos senhores e senhoras que muitas pessoas estavam ao meu lado concreta ou simbolicamente na construção desta homenagem aos meus antecessores. Mas quero fazer um agradecimento especial ao Pe. Dr. Raimundo Gomes Meireles, Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico Regional de São Luís-MA, ao Prof. Dr. Raimundo Nonato Serra Campos Filho - UFMA ao Prof. Leopoldo Gil Dulcio Vaz – CEFET-MA à Profa. Maria

Cícera Nogueira – CEFET-MA e a Emerson Thiago Sousa de Araújo, Poeta e Estudante de Comunicação- Radialismo, pela disponibilidade em embarcarem comigo nesta difícil, mas gratificante viagem de catar pérolas históricas e primar por organizá-las de uma forma singular.

Espero fazer jus a tão generosa distinção, agradecendo, mais uma vez, àqueles que se pronunciaram favoravelmente à minha inclusão nesta casa e não posso deixar de expressar meu muito obrigada a Francisco Dias Adler, meu muito amado pai, a Joana Aragão Adler, minha muito amada mãe, à minha muito amada irmã Felícia, à minha amada sobrinha Gabriela, que apesar de não estarem presentes hoje, neste plano, estão sempre presentes no meu coração. Meu muito obrigada às minhas amadas filhas, Danielle, Milena e Michelle, aos netos do meu coração Daniel Victor e João Marcelo e aos meus queridos genros Flávio e Giuliano. Meu muito obrigada aos meus queridos irmãos e irmãs, meus sobrinhos e minhas sobrinhas. Meu muito obrigada a todos os amigos e amigas aqui presentes. Meu muito obrigada às autoridades que atenderam ao convite da nossa Presidente, abrilhantando este evento. Obrigada, enfim, pela paciência e atenção e, principalmente, pelo carinho e amizade.

E ainda gostaria da permissão dos senhores e senhoras para encerrar a minha fala com uma exortação e uma sugestão:

#### EXORTAÇÃO

É necessária a exortação  
para aceitação de todos os seres  
de todos os saberes  
dos saberes de todos os seres...

é necessária a exortação  
para a aceitação de todos os saberes  
os saberes do índio,  
da mulher,  
do negro,  
do oriental,  
do céptico  
da criança  
do velho  
do moço  
do pobre  
do analfabeto...

é necessária a exortação  
para a aceitação de todos os saberes  
não apenas os saberes  
de alguns seletos  
eleitos  
não se sabe por quem  
além deles próprios.

Abramos nosso peito  
nossa cabeça  
nosso coração  
para enfim

vivermos num mundo melhor  
e dentro dele  
- o Brasil –  
uma grande nação!

E para agilizar a concretização dessa utopia, esta sugestão:

Lavra na terra o sulco da vida  
lavra idéias  
lava a “culpa” e o “pecado do mundo”  
limpa com idéias  
          revolve o sumo do inominável  
com tuas idéias!

Obrigada!

Em 25 de julho de 2007